

Jornalismo e Meteorologia: avanços e desafios da Previsão do Tempo no telejornalismo brasileiro¹

Cloves Teodorico dos Santos NETO²
Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

RESUMO

Levando em consideração o destaque que os quadros de previsão do tempo vêm ganhando nos telejornais do Brasil e a sua importância para diversos setores da sociedade, este artigo resulta, por meio de revisões bibliográficas e análise de depoimentos de jornalistas e meteorologistas, numa reflexão sobre o que avançou nas últimas décadas e quais são os desafios daqueles que têm a missão de comunicar informações gerais sobre as condições climáticas do país. Como resultado, verifica-se que o aumento na frequência de fenômenos naturais extremos e o desenvolvimento tecnológico tiveram papel fundamental no processo de inclusão da previsão do tempo nas grades de programação dos meios de comunicação do território nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Previsão do Tempo; Telejornalismo; Meteorologia.

Introdução

Saber se vai chover forte ou se o sol vai predominar durante o dia nunca foi tarefa fácil, imagine prever catástrofes naturais ou suas consequências para a população de uma determinada região. Durante muitos séculos, conhecer e interpretar as condições da atmosfera era uma aptidão para poucos, principalmente pela falta de ferramentas tecnológicas e estudos teóricos. Porém, alguns trabalhadores, entre eles agricultores e pescadores, por exemplo, utilizaram-se de crenças populares para tentar prever o tempo em suas cidades.

No Brasil, o maior país da América do Sul, a Meteorologia – ciência responsável pelo estudo do tempo – teve uma tragédia como marco inicial de sua história. No dia 11 de julho de 1887, uma embarcação que navegava em direção a Montevidéu, capital do

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Jornalista, pós-graduando em Direitos Humanos com ênfase em Catástrofes Naturais e Vulnerabilidade Social pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), email: cloves.teodorico@gmail.com.

Uruguai, afundou no litoral do Rio Grande do Sul (RS). Os dados da época mostram que cerca de 160 pessoas estavam a bordo do navio Rio Apa. No blog Mar & Dunas (2010), o telegrafista aposentado José Carlos Sadá, titular do blog, detalha o acontecido:

Naquela madrugada fatídica o RIO APA enfrentou a maior tempestade do final do século XIX registrada pelos meteorologistas e observadores do tempo daquela época. Segundo pescadores e moradores próximos a Bojurú e São José do Norte, os ventos na madrugada daquele dia eram quase “ciclônicos” e ondas que ultrapassavam os seis metros. (SADÁ, 2010)

Outras publicações jornalísticas afirmam que a comoção atingiu todo o território brasileiro, já que não houve sobreviventes. O fato ganhou repercussão na mídia, ocupando as manchetes dos principais jornais do país. Na época, o Brasil ainda não possuía o serviço especializado de previsão do tempo, apenas algumas instituições que realizavam, regularmente, observações meteorológicas, entre elas a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, a Repartição dos Telégrafos, a Repartição Hidrográfica e o Imperial Observatório do Rio de Janeiro.

A ausência de investimentos na previsão do tempo por parte do governo brasileiro acarretou, junto da comoção popular pela tragédia, em muitas críticas sobre a falta de recursos para prever o acontecido. Em *História da Meteorologia no Brasil*, Christina Helena Barboza coloca que, diante da repercussão negativa do ponto de vista institucional, um jovem funcionário do Observatório do Rio de Janeiro teve a iniciativa de prestar contas à sociedade. Trata-se de Henrique Morize, tido como um dos defensores da meteorologia brasileira. Ele escreveu um artigo numa revista de divulgação científica, analisando os dados sobre a direção dos ventos.

Morize disponibilizou uma tabela com dados técnicos sobre o estado do tempo entre os dias 08 e 13 de julho daquele ano, em toda região. A conclusão mostrou que nenhum comportamento anormal poderia ter sido notado pelas estações meteorológicas. Segundo Morize (apud BARBOZA, 2006, p. 3), “a previsão dos temporais nessa parte do Brasil é especialmente difícil e que mesmo com maior número de estações do que as poucas que ali possuímos, pouco se teria adiantado”.

Com o fato exemplificado acima, é possível observar que a imprensa é de grande importância para facilitar a relação entre o campo científico e à população. No caso da Meteorologia, os meios de comunicação estão prestando serviço ao incluir informações sobre o clima, diariamente, em pauta. Principalmente porque o clima influencia na rotina da sociedade e no desenvolvimento dos seus diversos setores, incluindo agricultura, energia, moda, transportes, varejo, seguros, entre outros.

Seja no rádio, no jornal impresso, em revistas, no mundo digital ou, principalmente, na TV, é notório o crescimento do espaço que tem sido dado aos assuntos ligados à ciência atmosférica. Uma das justificativas para isso é o desenvolvimento tecnológico, como destaca Moraes e Reis (2010):

A previsão do tempo como prestação de serviço, era apresentada apenas como uma nota, desde o início do telejornalismo no Brasil. A tecnologia trouxe mais possibilidades de informação, tanto para a meteorologia, com a ajuda de computadores, quanto para a exibição do quadro e de suas previsões na TV, as quais, além dos equipamentos tecnológicos, possibilitaram a presença do jornalismo científico, trazendo informações meteorológicas mais aprofundadas. (MORAES e REIS, 2010)

Em *A Notícia na TV*, Olga Curado (2002) ressalta como a televisão colabora para a melhor compreensão dos fatos, já que possui uma forma peculiar de ilustrar a informação repassada aos seus telespectadores – o que para a previsão do tempo, que necessita de mapas para localizar quem absorve a informação, torna-se ainda mais relevante. “Por suas características como meio de divulgação, que combina som e imagem, a televisão tem uma maneira própria de transmitir informação (...)” (CURADO, 2002, p. 19)

Reforçando a ideia de que o jornalismo, independentemente do veículo de comunicação, é um forte aliado das pautas sobre meio ambiente, incluindo a meteorologia, Cláudia Herte de Moraes (2008), no artigo *O impacto, o significado e a repercussão na prática do jornalismo ambiental*, coloca em reflexão, ainda, que outro fator determinante para justificar a forte presença da previsão do tempo nos noticiários é o “agravamento da crise ecológica e o despertar da sociedade para o problema [...]

aliando o interessante ao importante, o impacto ao significado”. (MORAES, 2008, p. 10)

Sabe-se que, de fato, o aumento na quantidade de catástrofes naturais têm preocupado o mundo. A frequência desses fenômenos extremos, antes vistos raramente, passaram a se tornar rotineiros no globo terrestre. No Brasil, a quantidade de desastres como enchentes, deslizamentos e secas severas tem sido recorrente. O Governo Federal publica, anualmente, os números dos desastres e suas consequências. No *Atlas Brasileiro de Desastres Naturais*, que avaliou dados de 1991 até 2012, é verificado que na década de 90 foram contabilizados 8.671 desastres. Já na década de 2000, considerado os dados de até 2012, foram 30.481 eventos extremos em território brasileiro.

Souza (2011) enfatiza que a qualidade de vida das pessoas é diretamente afetada pelos desastres ambientais. Segundo ela, essa preocupação tem se tornado mais forte por causa do resultado de diversos estudos na área científica, colocando que: “Na atualidade, os eventos naturais extremos que mais repercutem nas atividades humanas [...] são de natureza climática”. (SOUZA, 2011, p.01)

Portanto, nota-se que a previsão do tempo, como parte integrante das grades de programação dos telejornais brasileiros, vem para somar na transmissão de informação aos mais afetados por essas catástrofes – seja informando previamente, como alerta às populações de risco; seja cobrando aos órgãos responsáveis, para executarem ações de prevenção ou, no pós-desastre, minimizando as consequências desses acontecimentos ambientais.

A evolução da relação entre Meteorologia e Jornalismo

Em sua dissertação de mestrado, a jornalista Anaqueli Rubin (2011) estudou os valores-notícia dos acontecimentos climáticos no Jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (RS). A pesquisadora, num mergulho histórico sobre as ciências do clima e da comunicação, elenca o ano de 1880 como o marco inicial dessa forte relação, momento

que “o jornalista Joseph Pulitzer criou um espaço para a previsão do tempo, no canto superior direito da capa do jornal”. (RUBIN, 2011, p. 33)

Posterior à inserção nos jornais impressos americanos, a previsão teria chegado, na década de 90, ao rádio e à TV dos Estados Unidos. No Brasil, os serviços de meteorologia só teriam se desenvolvido a partir de 1920. Desde então, o trabalho dos meteorologistas foi ganhando espaço na mídia, assim como, aguçando o interesse da população em geral e, principalmente, do mercado financeiro – que depende das condições climáticas para saber se deve investir ou não.

Atualmente, os principais telejornais brasileiros possuem o quadro da previsão do tempo. Canais como Rede Globo, Bandeirantes, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Record e RedeTV incrementam, a cada dia, suas grades e disponibilizam, em sua maioria, de equipes especializadas em meteorologia – que fideliza a informação, aumentando a credibilidade a cada fato noticiado. Existem, ainda, empresas privadas de consultoria meteorológica com departamentos de mídia e canais fechados que abordam, 24h por dia, a previsão do tempo, são elas: Climatempo Meteorologia e Somar Meteorologia.

Segundo publicação da Revista Imprensa (2015), de figurante, o quadro se tornou um dos personagens principais dos noticiários. Em reportagem assinada por Gabriela Ferigato e Lucas Carvalho, umas das explicações para esse destaque é a recente crise hídrica na região Sudeste do país. A publicação evidencia que as matérias diárias e até o próprio quadro ganharam minutos a mais em decorrência da relevância do assunto, pontuando que as pautas passaram a ir além da previsão simples, colaborando, agora, para aprofundar as questões ambientais em discussão.

Vale ressaltar que além da crise hídrica, outros acontecimentos que marcaram a história ambiental do Brasil também colaboraram para que a previsão do tempo passasse a ganhar maior relevância nos telejornais. Freitas et al. (2014) elenca esses episódios tão marcantes:

Em 2005 e 2010, secas atingiram o estado do Amazonas, em uma das regiões de maior disponibilidade hídrica do país e do planeta. Em

2009 e 2012, este mesmo estado sofreu inundações graduais que superaram os níveis históricos. Em 2004, o ciclone Catarina atingiu o litoral norte do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina causando danos na área urbana e rural, concentradas numa faixa de aproximadamente 100km. Em 2008, Santa Catarina foi afetada por fortes inundações bruscas, assim como Alagoas e Pernambuco em 2010. Em 2011, a Região Serrana do Rio de Janeiro foi atingida pelo mais grave desastre em termos de óbitos imediatos (quase mil), envolvendo inundações e deslizamentos. Em 2013, três de cada quatro municípios do Nordeste estavam em situação de emergência por conta de uma seca iniciada em 2010 e considerada uma das mais longas dos últimos 50 anos. (FREITAS *et al.*, 2014, p. 3646)

Além da frequência de desastres naturais, incluindo as discussões sobre as mudanças climáticas, em todo o território nacional, outro ponto que merece ser lembrado como fator determinante para que a meteorologia ganhasse espaço no telejornalismo é o avanço tecnológico, citado logo no início deste trabalho. A previsão do tempo iniciou sendo feita apenas com termômetros e a Física afirma que ao decorrer dos anos, novas ferramentas foram surgindo e ajudando a melhorar a maneira de se trabalhar. A observação do tempo tem ficado cada vez mais aperfeiçoada com instrumentos como satélites, estações de monitoramento, balões meteorológicos e pluviômetros – sem falar nos supercomputadores que transmitem imagens e mapas em tempo real sobre as condições da atmosfera.

A fala dos profissionais: aqueles que preparam as informações sobre o tempo

A atuação dos jornalistas que lidam com a previsão do tempo é mais complexa do que muitas pessoas imaginam. No intuito de aproximar a temática abordada com a realidade do dia a dia de trabalho de jornalistas e meteorologistas, buscamos entrevistar profissionais que estão no mercado há anos e acompanharam todo esse processo de chegada, desenvolvimento, desafios e adaptação da previsão nos meios de comunicação – mais especificamente em emissoras de televisão do país.

A jornalista Angela Ruiz Gonzales, 42 anos de idade, é formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Ela concluiu a graduação em 1995. Após um período em Londres, na

Inglaterra, a profissional voltou ao Brasil e, de cara, enfrentou o desafio de ser garota do tempo.

Descobri que o homem do tempo da TV Globo, Carlos Magno, estava contratando jornalistas para um projeto de uma nova TV do Tempo em São José dos Campos. Liguei e pedi uma oportunidade para fazer um teste como garota do tempo. De lá pra cá, fui garota do tempo, repórter do tempo, apresentadora de programa agrícola e, atualmente, assessora de comunicação da Climatempo Meteorologia ³.

Para enfrentar o desafio de conseguir simplificar informações bastante técnicas numa editoria de previsão do tempo, Angela Ruiz diz que, em primeiro lugar, o jornalista deve procurar uma especialização ou curso que ofereça noções básicas dos principais fenômenos meteorológicos que atuam pelo país. Ainda falando sobre a formatação da informação meteorológica, a profissional ressalta que é necessário conversar, diariamente, com um meteorologista, para que ele possa explicar determinados conceitos. Questionada sobre os avanços identificados, ao longo dos últimos anos, ela ressalta a tecnologia:

A grande diferença que é nítida hoje se comparado a 19 anos atrás, quando comecei, é o emprego da tecnologia no setor de meteorologia no mundo. No Brasil, este crescimento também acontece, mas de uma forma mais lenta. Nosso país precisa investir mais em modelagem numérica, estações, sensores, pluviômetros e radares para que os meteorologistas brasileiros possam ter uma base de dados mais ampla e maior, a fim de realizar uma previsão mais apurada e um monitoramento antecipado em relação às catástrofes que impactam na vida do ser humano e em vários segmentos do mercado. (RUIZ, 2017)

Mantendo a mesma lógica de raciocínio, a jornalista Joesandra Muniz, responsável pelo departamento de Marketing e Comunicação da Somar Meteorologia, reforça a ideia de que é essencial o papel do comunicador para repassar informação resumida e compreensível à sociedade. Ela exemplifica o sucesso do quadro por meio da Rede Globo. “Observo que cada vez mais a meteorologia ganha espaço na grande mídia, principalmente na TV, prova disso é o quadro de previsão do Jornal Nacional, que ganhou mais tempo no ar e teve seu conteúdo aperfeiçoado”.⁴

³ Entrevista concedida ao autor, por e-mail, em 01 de maio de 2017.

⁴ Entrevista concedida ao autor, por telefone, em 31 de abril de 2017.

Para dar voz aos profissionais técnicos, aqueles que realizam, de fato, a previsão do tempo, ouvimos as meteorologistas Desirée Brandt, formada em Meteorologia pelo Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG/USP); e Nadiara Pereira, bacharela pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e com Mestrado pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, ambas trabalham pela Somar Meteorologia e têm ampla experiência na TV.

Nadiara conta que começou a atuar em meios de comunicação, mais especificadamente em televisão, em 2011, no Canal do Boi. Em 2012, passou pelo Canal Rural. Já em setembro de 2013, a meteorologista iniciou a apresentação do tempo na TV Cultura e em maio de 2014 passou a ser responsável pela previsão da TV Record – preparando as informações para a jornalista que apresenta o quadro, na emissora. Em janeiro de 2015 ela saiu da TV Cultura e voltou a ser apresentadora no Canal do Boi e nas afiliadas da Record nos estados de Mato Grosso (MT), Minas Gerais (MG) e Rio Grande do Sul (RS). A previsora conta como é a rotina de um meteorologista na mídia:

O dia começa com a avaliação de modelos e da previsão do tempo. Depois faço contato com os editores dos canais que faço boletins para combinarmos os destaques. Em seguida, faço a preparação e gravação dos boletins. Além disso participo da parte operacional da empresa para sempre estar alinhada com o que está acontecendo e tudo o que estão falando ⁵.

Já Desirée Brandt entrou na mídia em março de 2005, no rádio, e em 2007 na TV. Hoje, ela é a responsável por quadros da previsão do tempo no Grupo Bandeirantes de Rádio e no Canal Rural. A meteorologista opina que o que mais merece destaque, nos últimos anos, na relação entre Jornalismo e Meteorologia, é a inovação presente nas TVs abertas, pois, segundo ela, as emissoras estão tentando expor informações de qualidade com artes e imagens que exemplificam os fenômenos meteorológicos, o que acarreta na valorização da meteorologia e, ao mesmo tempo, numa forma de atrair o público para o quadro.

⁵ Entrevista concedida ao autor, por e-mail, em 30 de abril de 2017.

Diante do exposto pelas profissionais que produzem e executam a previsão do tempo diariamente, notamos que as opiniões das mesmas refletem na observação feita por Taddei (2008), quando enfatiza, no artigo *A Comunicação Social de Informações sobre Tempo e Clima: O ponto de vista do usuário*, que a informação meteorológica, para ser eficaz, deve estar sempre bem estruturada e, para ter o resultado esperado, de chegar ao público, necessita da interação de especialistas.

Considerações finais

Como ciência milenar que estuda a atmosfera terrestre, a Meteorologia ocupa, hoje, um inquestionável espaço no mundo da pesquisa. A previsão do tempo sempre foi um elemento de grande importância para a sociedade. Desde seu marco inicial até os dias atuais, notamos o desenvolvimento que essa importante ferramenta tem alcançado. Servindo, inclusive, como guia para o desenvolvimento econômico do país, já que ajuda na prevenção de catástrofes e na minimização de consequências de grandes fenômenos, a previsão vem ganhando novas dimensões e mais espaço na mídia.

Hoje, a temática “clima” é abordada de diferentes maneiras, desde a sala de aula – de forma mais intensa por meio da Educação Ambiental –, até os noticiários da TV. Com a ajuda da tecnologia, seus processos passaram a ser vistos com mais credibilidade, já que os profissionais (meteorologistas) contam com uma maior gama de artifícios para aproximar a informação meteorológica das condições imediatas do tempo – faça chuva ou faça sol.

O jornalismo, por sua vez, também tem cumprido seu papel enquanto ciência da comunicação. Junto das ciências atmosféricas, presta serviço ao dar mais espaço aos debates climáticos, que começaram pelo quadro da previsão e ganharam pautas mais extensas ao longo dos programas das principais emissoras do país. Este trabalho é apenas uma reflexão do potencial dessa união que ultrapassa os céus de verão a inverno.

A intenção é colaborar para que novas pesquisas surjam, já que a tendência do tema é ganhar ascensão e cada vez mais destaque na mídia.

Referências bibliográficas

BARBOZA, Christina Helena. **História da Meteorologia no Brasil (1887-1917)**. Congresso Brasileiro de Meteorologia, 2006, Florianópolis.

BARBOZA, Christina Helena. **A previsão do tempo no Império**. Nossa história, ano 3, nº 27, 2006.

BLOG MAR & DUNAS. **Naufração do Rio Apa**. Disponível em: http://maredunas.blogspot.com.br/2010/03/naufragio-do-rio-apa_25.html Acesso em 27 de março de 2017

CURADO, Olga. **A Notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002.

FREITAS, C. M.; SILVA, D. R. X.; SENA, A. R. M de.; SILVA, E. L.; SALES, L. B. F.; CARVALHO, M. L. de.; MAZOTO, M. L.; BARCELLOS, C.; COSTA, A. M.; OLIVEIRA, M. L. C.; CORVALÁN, C. **Desastres naturais e saúde: uma análise da situação do Brasil**. Revista Brasileira Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, p. 3645-3656, 2014.

MORAES, Andréa Maria; REIS, Heloiza Beatriz Cruz. **A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: Um estudo de caso do programa “Jornal Hoje”**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, 2010.

MORAES, Cláudia Herte. **O impacto, o significado e a repercussão na prática do jornalismo ambiental**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, RN, setembro, 2008.

REVISTA IMPRENSA. **Previsão do tempo ganha destaque e espaço no noticiário com falta d’água no Sudeste**. Abril de 2015. Disponível em: http://portalimprensa.com.br/revista_imprensa/conteudo-extra/71540/previsao+do+tempo+ganha+destaque+e+espaco+no+noticiario+com+falta+dagua+no+sudeste Acesso em: 15 de abril de 2017.

RUBIN, Anaqueli. **Da previsão do tempo às catástrofes: os valores-notícia dos acontecimentos climáticos no Jornal Zero Hora (RS)**. Santa Maria, RS, 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

SOUZA, Werônica Meira de. **Impactos socioeconômicos e ambientais dos desastres associados às chuvas na cidade do Recife-PE**. Campina Grande, 2011. 121f. Tese (Doutorado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

TADDEI, Renzo. **A Comunicação social de informações sobre Tempo e Clima: O ponto de vista do usuário**. XV Congresso Brasileiro de Meteorologia, 2008, São Paulo.